

A centralidade do uso linguístico na pesquisa funcionalista em perspectiva construcional

The centrality of linguistic use in functionalist research in a constructional perspective

Mariangela Rios de Oliveira¹ 

Flávia Saboya da Luz Rosa¹ 

¹Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, Brasil

E-mails: mariangelariosdeoliveira@gmail.com; flaviasaboya@gmail.com

Resumo

O artigo tem como objetivo discutir e destacar a centralidade dos contextos de uso linguístico na perspectiva funcional-construcional, na vertente da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), como assumida por Rosário e Oliveira (2016) e Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013). Defendemos que, mesmo com a incorporação de pressupostos de ordem mais formalista, advindos da consideração da construção gramatical como unidade básica da língua, e de que esta é uma rede de construções inter-relacionadas em distintos níveis, como defendem Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), o uso linguístico continua sendo o ponto de partida da investigação nesta área. Após destacar a centralidade dos contextos de uso na versão clássica do Funcionalismo e na LFCU, trazemos um estudo de caso, com base em Rosa (2021), a partir das instanciações do esquema de correlação locativa codificado como $[X_1(\text{Prep/Conj})\text{Loc}_1, X_2(\text{Prep/Conj})\text{Loc}_2]$, demonstrando que somente a partir de metodologia qualitativa, com foco na análise acurada de modos de dizer do português, é possível se chegar à fixação do referido esquema.

Palavras-chave

Uso linguístico; Funcionalismo; Construcionalização; Correlação locativa.

Editor-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editores convidados

Edvaldo Balduino Bispo
Fernando da Silva Cordeiro
Renata Enghels

Recebido: 10/04/2024

Aceito: 28/07/2024

Como citar:

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ROSA, Flávia Saboya da Luz. A centralidade do uso linguístico na pesquisa funcionalista em perspectiva construcional. *Revista Diadorim*, v.26, n.1, e63414, 2024. doi:<https://doi.org/10.35520/diadorim.2024.v26n1a63414>

Abstract

The article aims to discuss and highlight the centrality of linguistic usage contexts from the functional-constructional perspective, within the framework of Usage-Based Linguistics, as advocated by Rosário and Oliveira (2016) and Furtado da Cunha, Bispo and Silva (2013). We argue that, despite the incorporation of more formalist assumptions, arising from the consideration of grammatical construction as the basic unit of language, and the recognition that language is a network of interconnected constructions at different levels, as advocated by Traugott and Trousdale (2013) and Hilpert (2014), linguistic usage remains the starting point for investigation in this area. After highlighting the centrality of usage contexts in the classic version of Functionalism and in Usage-Based Linguistics, we present a case study based on Rosa (2021), focusing on instantiations of the locative correlation schema encoded as [X1(Prep/Conj)Loc1, X2(Prep/Conj)Loc2], demonstrating that only through qualitative methodology, with a focus on the careful analysis of Portuguese expressions, is it possible to arrive at the fixation of said schema.

Keywords

Linguistic use; Functionalism; Constructionalization; Locative correlation.

Introdução

Na pesquisa de orientação funcionalista, o olhar acurado dos dados com foco a partir de seus contextos de uso é marca central e mesmo identitária. No Funcionalismo de vertente norte-americana, cuja projeção maior tem início nos anos 70 do século XX, a partir de referências como Talmy Givón, Paul Hopper e Sandra Thompson, entre outros, está firmado o destaque da feição contingencial dos usos linguísticos para a configuração da gramática. Conforme declaram Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 14), essa vertente teórica tem como missão “analisar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística”.

Das décadas finais do século XX, fase que hoje nomeamos, conforme Rosário e Oliveira (2016), de Funcionalismo Clássico¹, chegamos ao século XXI reafirmando o papel central dos contextos de uso na pesquisa da área. Assumimos como precípuo o foco no funcionamento dos modos de dizer, não somente para a pesquisa

¹ Período correspondente aos estudos sobre mudança por gramaticalização, a partir da pesquisa de itens específicos cumpridores da trajetória do léxico à gramática e do concreto ao abstrato, com destaque para o mecanismo de metaforização, como se encontra em Martelotta, Votre e Cezario (1996). O *Funcionalismo clássico* continua sendo um viés produtivo e muito relevante para a investigação dos usos linguísticos em nível nacional e internacional.

dos mecanismos funcionais que caracterizam tais modos, como também para a investigação da mudança linguística, responsável pela gradiência e pela variabilidade sincrônicas, nos termos de Bybee (2010).

Ocorre que, neste século, o Funcionalismo que praticamos passa a incorporar a abordagem construcional da gramática, vertente de estudos oriunda do Cognitívismo, na linha de Goldberg (1995; 2006; 2019) e Croft (2001), entre outros. Tal incorporação constitui uma nova tendência funcionalista, nomeada internacionalmente como Usage-Based Linguistics² e que no Brasil tem recebido o rótulo Linguística Funcional Centrada no Uso³ (LFCU). A combinação de vieses funcionalistas e cognitivistas acaba por impactar, em certa medida, a centralidade do uso linguístico na pesquisa funcionalista. Esse impacto advém da perspectiva construcional que passamos a assumir, fundada na definição da construção como pareamento convencionalizado de função e forma, com base em Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001), o que tende a equilibrar a relevância de motivações funcionais e estruturais na pesquisa da língua em uso, como destacam Rosário e Oliveira (2021).

Motivados por essa guinada dos estudos funcionalistas, da versão clássica à LFCU, temos como objetivo neste artigo discutir e destacar a centralidade dos contextos de uso linguístico na perspectiva funcional-construcional. Assumimos que mesmo com a incorporação de pressupostos de ordem mais formalista, advindos da consideração da construção gramatical como unidade básica da língua, e de que esta é uma rede de construções interrelacionadas em distintos níveis, como defendem Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), o uso linguístico continua sendo o ponto de partida na pesquisa em LFCU. Ainda que hoje constatemos maior equilíbrio em relação aos eixos função x forma, como destacado em Rosário e Oliveira (2016), mantém-se a primazia do primeiro eixo como ponto de partida em nossas pesquisas, o que garante e reafirma o viés funcional das investigações que realizamos no século XXI.

Para darmos conta de nosso objetivo e da assunção que o sustenta, este artigo se distribui em três seções mais amplas. Na primeira, tratamos da primazia dos contextos de uso na vertente do Funcionalismo clássico, destacando-os como marca identitária nesta linha teórica. A seguir, abordamos o uso linguístico a partir da concepção construcional da gramática, tal como assumida pela LFCU, na defesa de que continuam prevalecendo as propriedades pragmático-discursivas como motivadoras da convencionalização gramatical. Na terceira seção, trazemos um estudo de caso, no qual apresentamos um esquema produtivo no português, $[X_1(\text{Prep/Conj})\text{Loc}_1, X_2(\text{Prep/Conj})\text{Loc}_2]$, denominado construção de correlação locativa (CCL), instanciador de

² Conforme Bybee (2010), trata-se de um modelo teórico proveniente do Funcionalismo norte-americano.

³ Terminologia adotada pelo Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*, na referência ao tratamento funcional-construcional da língua em uso e da mudança linguística, como assumem Rosário e Oliveira (2016).

microconstruções como [toma lá, dá cá]; [balança pra lá, balança pra cá]; [pata aqui, pata acolá]; [pega daqui, pega de lá]. A estrutura da CCL é composta por segmentos correlatos, e cada um desses segmentos é formado por núcleos nominais ou verbais (X_1, X_2) associados a subpartes adverbiais locativas ($Loc_1, Loc_2 =$ aqui/cá ou aí/ali/lá/acolá), podendo haver inserção facultativa de preposição (Prep) ou conjunção (Conj). A CCL apresenta conteúdo funcional de movimento contínuo de seres ou de partes deles, multiplicidade quantitativa e/ou tipológica de elementos de um grupo, modo ou qualidade com que se realiza uma ação, e mutualidade/reciprocidade de ações e/ou intenções entre as entidades envolvidas. Nesta mesma seção, demonstramos os níveis de construcionalidade de alguns construtos, conforme propõem Rosário e Lopes (2019; 2023). Por fim, tecemos considerações em que reafirmamos a centralidade do uso linguístico e sua importância como locus principal da pesquisa funcionalista que praticamos, apontando ainda possíveis rumos da investigação na LFCU. Encerramos o artigo com nossas referências bibliográficas.

Funcionalismo clássico e uso linguístico

A centralidade do uso linguístico está firmada na pesquisa funcionalista desde a fixação de suas bases teóricas. Como reação ao modelo gerativista vigente no século XX, a partir da segunda metade deste século, inicia-se um movimento na Linguística norte-americana que passa a advogar a importância dos contextos de uso e das pressões pragmático-discursivas na configuração formal da língua, como defendem Sankoff e Brown (1976) em sua pesquisa sobre a fonte discursiva das estruturas de relativização na língua tok pisin. Um dos precursores dessa guinada é Bolinger (1975), que propõe assumir a gramática como estrutura maleável, resultante das práticas interativas no meio social. Assim, considera-se a gramática como instância marcada por instabilidade e por mudança.

Tal consideração é reafirmada por uma série de linguistas norte-americanos, que, assim, vão consolidando os fundamentos do Funcionalismo que praticamos. Dentre os referidos linguistas, temos em Hopper (1987) o estabelecimento da expressão gramática emergente, para dar conta do caráter maleável e contingencial da forma, em consequência das vicissitudes do discurso. Nesse sentido, a dimensão funcional é tomada como motivadora do eixo formal.

No Brasil, Martelotta, Votre e Cezario (1996a, p. 11) afirmam que “a gramática é entendida como sistema formado pelas regularidades decorrentes das pressões de uso” e que tais pressões “estão relacionadas a um complexo de interesses e necessidades discursivo/pragmáticas que podem compreender os propósitos comunicativos do falante de ser expressivo”. Assim, o discurso é concebido como ponto de partida da gramática, como o conjunto de “estratégias criativas utilizadas pelo falante para organizar funcionalmente seu texto para um determinado ouvinte e em uma

determinada situação de comunicação” (Martelotta; Votre; Cezario, 1996a, p. 48). Conforme tal assunção, os mesmos autores (1996, p. 49) declaram que “a gramática não é um organismo autossuficiente gerado por fatores cognitivos inatos, como querem os gerativistas, mas uma consequência de padrões que se estabelecem no uso”.

A primazia dos contextos de uso assumida pelo Funcionalismo tem como consequência a rejeição à arbitrariedade gramatical, na defesa da iconicidade, que se funda na concepção de que pressões funcionais motivam a configuração da gramática, na trajetória de derivação função -> forma. De acordo com tal orientação, há implicação entre propósitos comunicativos e padrões de uso linguístico, como defendem Givón (1979) e Traugott e Heine (1991), entre outros, de modo que os primeiros moldam os segundos. Assim, a arbitrariedade passa a ser tomada como consequente do desgaste natural das formas de dizer, que vão perdendo, via frequência de uso, a conexão com os contextos de interação que as forjaram.

A centralidade no uso linguístico no Funcionalismo, a partir da detecção dos ambientes pragmático-discursivos como fontes da convencionalização gramatical, evidencia trajetórias de metaforização (Lakoff; Johnson, 1980), de viés cognitivista. Assim, ganha relevância o postulado de que o pensamento tem base corporal, de que a experiência histórico-social dos indivíduos pode moldar as formas linguísticas, motivando polissemia e possível mudança gramatical, como é assumido por Naro e Votre (1992) e Votre e Rocha (1996), por exemplo.

O olhar acurado nas práticas interativas e na assunção da maleabilidade gramatical lança luz sobre um pressuposto caro ao Funcionalismo, fundado na concepção dinâmica da língua e na consequente mudança linguística. Nessa linha, são propostas versões do chamado ciclo funcional, que atesta a emergência da gramática. Um dos mais clássicos é o de Givón (1979), que estabelece a derivação discurso > sintaxe > morfologia > morfofonologia > zero. Entre os demais, citamos o de Hopper e Traugott (1993), que propõe a escala: item de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional, e o de Heine, Claudi e Hünnemeyr (1991), que estabelece a derivação semântica: pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade.

Abre-se, assim, uma agenda de pesquisas em gramaticalização, entendida como processo de mudança que leva itens lexicais a gramaticais e estes, uma vez gramaticalizados, a se tornarem mais gramaticais, conforme destacam Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2015). Assim orientadas, são desenvolvidas uma série de pesquisas, a partir de contextos de uso que atestam mudanças linguísticas. Entre essas pesquisas, citamos a da trajetória de mudança do verbo ir, de pleno, em (1), a auxiliar, em (2), como atesta Silva (2000):

1. ... quando ele **vai** atrás ele vê apenas um gato... ele pega o gato... entra no carro e **vai** embora... (D&G⁴, Natal)
2. bem, a minha opinião sobre o namoro é que está muito avançado, porque esses rapazes de hoje não pensa do amanhã que **vai ser**. (D&G, Natal)

Ou ainda a passagem do advérbio então, em (3), a conector conclusivo, em (4), na pesquisa de Martelotta e Rodrigues (1996b):

3. ... eu acho que isso é um elemento muito importante... porque a televisão tem um alcance popular magnífico... começa a ouvir... a tomar conhecimento de informações as quais até **então** não tinha acesso... (D&G, RJ)
4. ... ao saltar do carro Marcelo tentou conversar com Neuza, para que entrássemos em casa sem acordar os pais da Márcia. Mas a nojenta da garota em vez de ajudar a irmã ficou reclamando e falando besteiras, **então** Marcelo deu-lhe um fora curto e grosso... (D&G, RJ)

A mudança linguística pesquisada no contexto da gramaticalização é tratada precipuamente em termos históricos, na perspectiva da pancronia, conforme se encontra em Furtado da Cunha, Oliveira e Votre (1999). Nessa perspectiva, combinam-se os vieses diacrônico e sincrônico, num enfoque mais amplo fundado na consideração de que cada sincronia é formada por usos de idade distinta na língua, configuradores da gradiência e da variabilidade atestadas na estrutura das línguas, como destaca Bybee (2010). Assim, investigações como as de Ferreira (2000), em torno da trajetória do verbo modal poder no português, e a de Oliveira (1997), acerca da gramaticalização do item onde, são exemplos da apropriação da abordagem pancrônica na pesquisa da gramaticalização.

Para dar conta das etapas de mudança que conduzem à gramaticalização, são formuladas propostas de clines contextuais, como as de Heine (2002) e Diewald (2002; 2006), apresentadas no Quadro 1. Ambas as propostas partem do pressuposto de que os itens linguísticos são usados inicialmente conforme sua categoria original, via de regra lexical; a partir daí, por intermédio de pressões contextuais, atinentes ao ambiente discursivo-pragmático, tais itens se tornam ambíguos, em termos semântico-sintáticos, até chegarem à etapa em que consolidam a mudança, entrando em novo paradigma da língua, tal como sintetizado a seguir:

⁴ Informações e acesso ao corpus *Discurso & Gramática* no site: <https://deg.uff.br/corpus-dg/>

Quadro 1: Clines contextuais para gramaticalização

Heine	Diewald
Estágio 1: uso normal	Estágio 0: uso normal
Estágio 2: contexto ponte (pragmático, semântico)	Estágio 1: contexto atípico Estágio 2: contexto crítico (múltipla opacidade: pragmática, semântica e estrutural)
Estágio 3: contexto switch (gramaticalização)	Estágio 3: contexto isolado (gramaticalização: reorganização e diferenciação)
Estágio 4: convencionalização	

Fonte: Traugott (2012, p. 9), a partir de Heine (2002) e Diewald (2002; 2006)

O Quadro 1 nos demonstra que as duas propostas têm pontos em comum, uma vez que partem de usos normais, de natureza mais lexical, passando por estágio(s) de mudança e chegando à gramaticalização. Para Heine (2002), o estágio intermediário é denominado ponte e marcado por ambiguidades de natureza semântica e pragmática. Para Diewald (2002, 2006), essa fase de transição é dividida em duas etapas: o contexto atípico, no qual se iniciam alterações ao nível do conteúdo, gerando polissemia, e o contexto crítico, em que a opacidade é incrementada, passando a atingir o nível formal. Por fim, Heine (2002) postula o contexto switch, no qual se efetiva a gramaticalização, cujo estágio subsequente é a convencionalização do item em nova categoria linguística. Já Diewald (2002; 2006) nomeia de isolado o último estágio contextual, quando, via gramaticalização, o novo item se distingue daquele que lhe deu origem, reorganizando-se, assim, em nova categoria gramatical.

Diewald e Smirnova (2012) refinam a proposta inicial da primeira autora, incluindo mais um estágio final no cline de mudança linguística. Para elas, uma vez consolidada a gramaticalização, ocorre a integração paradigmática. Trata-se do estágio paradigmático, no qual o item gramaticalizado integra, como novo membro, uma outra categoria gramatical e passa a competir pelo uso com os demais membros do paradigma. Assim, por exemplo, levando em conta os fragmentos ilustrados em (2) e (4) respectivamente, podemos considerar que vai ser *passa* a competir com *será* pela expressão de futuro no português, enquanto então integra a classe dos conectores conclusivos ao lado de *portanto*, entre outros. Temos nesses casos o que Hopper (1991) classifica como camadas, ou seja, como formas alternativas com significados correspondentes que concorrem pelo uso, uso este que é selecionado conforme os propósitos comunicativos dos interlocutores.

Além do foco em processos de mudança linguística em viés pancrônico, a centralidade do uso linguístico é base para pesquisas de mecanismos funcionais atuantes ao nível das relações textual-discursivas na sincronia. É o que podemos verificar em Furtado da Cunha (2000), que reúne textos que levantam, descrevem e analisam “procedimentos discursivos na fala de Natal”. O mesmo foco em aspectos discursivo-pragmáticos dos usos linguísticos é adotado por Görski (1985), em sua pesquisa acerca da entrada e da continuidade de referentes em textos de base narrativa.

Como podemos observar, o uso linguístico ocupa papel central no Funcionalismo desde sua consolidação como uma nova e alternativa vertente teórica da Linguística a partir do século XX. A centralidade do uso destaca a feição contingencial e situada das práticas discursivas e sua importância tanto para a regularização da estrutura gramatical quanto para a mudança linguística.

LFCU e uso linguístico

A incorporação da abordagem construcional à pesquisa funcionalista, como hoje praticada pela LFCU, lança luz no eixo formal, o que, como assumem Rosário e Oliveira (2016), torna o binômio função x forma mais equilibrado. Se, no Funcionalismo clássico, a relação entre os dois eixos era claramente da função para a forma, na ênfase, por exemplo, da iconicidade, da metaforização e da trajetória unidirecional de gramaticalização, a LFCU traz para a cenário de pesquisa de modo mais cabal questões atinentes à estruturação linguística, como o processo de analogização, destacado em Bybee (2010), e o mecanismo de metonimização, nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

Essa guinada é consequente da consideração da construção gramatical na pesquisa dos usos linguísticos. Traugott e Trousdale (2013, p. 8), inspirados em Goldberg (1995, 2006), assumem a construção como codificação [[Forma] <---> [Função⁵]], como pareamento semântico-sintático altamente simbólico. Em Croft (2001), são especificadas as propriedades atinentes a cada eixo, assim, a forma compreende sintaxe, morfologia e fonologia, enquanto a função é tratada a partir de traços semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais.

Considerar a perspectiva construcional da LFCU significa assumir que a unidade linguística é a construção e que a língua corresponde a uma rede virtual e complexa, formada integralmente por tais unidades, que se organizam e interconectam em termos verticais, horizontais e transversais. A partir de tal assunção, pretendemos,

⁵ Neste artigo, traduzimos o termo inglês *meaning* por *função*; na literatura da área em português, são usados como correspondentes os termos *sentido*, *significado*, *conteúdo*. Nessa codificação, a seta bidirecional traduz a relação biunívoca entre forma e conteúdo, e os colchetes indicam que o pareamento é uma unidade convencionalizada.

neste artigo, refletir sobre o lugar do uso linguístico e das análises funcionalistas em uma concepção construcional de língua, que concede destaque ao seu caráter formal.

Em primeiro lugar, para um funcionalista, a construção é tomada como convencionalização a que se chega a partir de determinados modos de dizer, e não algo que já se encontra “disponível” numa rede virtual. Pautamo-nos em Traugott (2022), com base em sua revisita à definição de construcionalização, que passa a destacar o viés processual necessário para as associações de novos pares de forma e função. De acordo com a autora, é preciso que haja replicação de contextos específicos, que haja generalização de determinados padrões de uso para que as referidas associações se convencionalizem como construção. Tal concepção destaca a construcionalização tanto como produto quanto como processo, com ênfase nos contextos de uso graduais que vão fixando os novos pareamentos.

Traugott (2022) também revisita o conceito de mudança construcional, assumindo-a como um tipo de modulação de usos contextuais, ou seja, uma neoanálise operada a partir de motivações pragmático-discursivas ou sintagmáticas, que não chegam a criar uma nova construção na língua. Essa modulação pode ser operada ao nível formal, via mecanismo de metonimização, ou ao nível funcional, via mecanismo de metaforização. A autora destaca que a mudança construcional pode anteceder ou suceder a construcionalização, enfatizando, mais uma vez, a marca emergente da gramática, o que reforça o traço contingencial e relevante dos usos linguísticos, como preconiza Heine (2002), na proposta da gramática emergente, e como defende Bybee (2010), no destaque da gradiência e da variabilidade linguísticas. A respeito da mudança construcional e dos contextos de uso linguístico, foco deste artigo, Traugott (2022) distingue duas dimensões escalares: aquela relativa às expressões individuais, como inovações que podem se expandir pela comunidade de usuários, e a concernente aos usos comunitários, que, de fato, são responsáveis por generalização e possível construcionalização.

Na Figura 1, é sintetizada a proposta de Traugott (2022):



Figura 1: Cline construcional.

Fonte: Oliveira e Sambrana (2022, p. 324), a partir de Traugott (2022).

A trajetória de mudança linguística ilustrada na Figura 1 somente pode ser pesquisada na LFCU por intermédio do olhar acurado dos contextos efetivos de uso que forjam mudanças pré e pós-construcionais. Ademais, a marca processual

defendida por Traugott (2022) coloca a construcionalização como mais uma etapa no cline de mudança linguística, na demonstração de que o processo é contínuo e instável, o que vai ao encontro dos postulados clássicos do Funcionalismo. Podemos observar que o cline apresentado na Figura 1 tem pontos em comum com os estágios de gramaticalização propostos por Heine (2002) e Diewald (2002, 2006), constantes no Quadro 1. Assim, defendemos que há complementaridade entre as perspectivas da gramaticalização e da construcionalização, como assumido em Oliveira (2023), na medida em que ambas privilegiam os usos linguísticos como lócus da mudança e como ponto de partida da investigação funcionalista, seja em versão clássica, seja com base na LFCU.

Assim posto, consideramos que a tarefa do pesquisador em LFCU reside em levantar, descrever e analisar os contextos de uso linguístico responsáveis por mudanças pré e pós-construcionais, bem como detectar, na trajetória da língua, o ponto em que se efetivam as construcionalizações. Esse ponto pode convencionalizar em esquema mais virtual, integrado por subpartes como slots⁶, a exemplo da construção marcadora discursiva formada por verbo e pronome locativo, na codificação [V Loc]_{MD} (instanciando microconstruções como [vem cá], [vamos lá], entre outras, cf. Teixeira, 2015), ou types específicos, ou microconstruções, como [daí que] conector textual (cf. Arena, 2015).

Nesse caminho investigativo, a postulação de esquemas construcionais mais abertos, bem como de subesquemas, como subfamílias, e mesmo de microconstruções, deve ser tarefa posterior e final de pesquisa, fruto de análises refinadas das instâncias de uso, ou seja, dos contextos em que os construtos⁷ são detectados. Esse caminho visa a responder questões caras à pesquisa funcionalista, tais como: a) que contextos de uso favorecem mudanças construcionais?; b) que traços pragmático-discursivos ou sintáticos motivam essas mudanças?; c) em que ponto se efetiva a construcionalização?; d) qual a contribuição da analogização, com base em esquemas já disponíveis na língua, para a construcionalização e a mudança pós-construcional?; e) como a rede linguística é alterada ou expandida via construcionalização?

Um resultado relevante que a pesquisa em LFCU pode trazer ao tratamento construcional da gramática, a partir de um estudo mais detido dos contextos de uso, é o refinamento do eixo do conteúdo da construção, uma vez que o eixo da forma, até mesmo por sua feição mais “objetivista”, já se encontra bem recortado hierarquicamente, conforme Traugott e Trousdale (2013). Assim, Rosa (2019) propõe a seguinte correlação entre esses eixos, com base na pesquisa histórica dos contextos que instanciam um específico esquema de marcadores discursivos do português,

⁶ Rótulo atribuído à subparte mais esquemática e aberta, passível de ser preenchida por itens específicos.

⁷ Termos usados por Traugott e Trousdale (2013) na referência às instâncias de construção, aos dados levantados empiricamente.

nomeado pela autora de *refreador-argumentativo*, codificado como $[Indut_R Afix_{Loc}]_{RA}$ ⁸ e especificado em microconstruções como [alto lá], [espera aí] e [aguenta lá], entre outras:

Quadro 2: Pareamento forma-conteúdo na hierarquia construcional

Hierarquia construcional	Pareamento	
	Forma	Conteúdo
Esquema	estrutura abrangente	função
Subesquema	estrutura delimitada	subfunção
Microconstrução	estrutura específica	significado
Constructo	estrutura substancial	sentido

Fonte: Produzido pela autora, a partir de Rosa (2019, p. 46).

Como podemos observar, com base no Quadro 2, ao lado da hierarquia formal do esquema, subesquema, microconstrução e construto, se estabelecem os níveis de conteúdo, que vão se tornando mais específicos e situados à medida que o correspondente formal também se particulariza. Nesse sentido: a) a função se correlaciona com o esquema, na condição de estrutura mais abrangente; b) a subfunção particulariza o conteúdo específico de um subesquema como estrutura delimitada; c) o significado corresponde ao eixo do conteúdo da microconstrução; d) o sentido é de uma estrutura substancial, ou seja, de uma instanciação da microconstrução, em contexto de uso particular.

Outro refinamento do eixo do conteúdo que se apresenta como contribuição do foco nos usos linguísticos para a pesquisa da construção gramatical em LFCU, também resultante da pesquisa de Rosa (2019; 2023), é a proposição de níveis de vinculação semântico-sintática dentro de cada estágio do cline de mudança linguística. Rosa (2019) reelabora a proposta de taxonomia contextual de Diewald e Smirnova (2012), formulada originalmente para a pesquisa em gramaticalização, no viés do Funcionalismo clássico, e a ajusta para a investigação da mudança construcional e da construcionalização, como se detalha no Quadro 3:

⁸ Conforme a codificação da autora, *Indut* é a subparte indutora, preenchida por itens como os nomes *calma* e *alto* ou os verbos *espera* e *aguenta*, e *Afix* é a subparte afixoide, preenchida por itens como *lá* e *aí*.

Quadro 3: Cline contextual para construcionalização gramatical.

Estágio	Contexto	Características	Tipos de construção
I- Precondições da construcionalização gramatical	<hr/> Contexto atípico A ₁ A ₂ A ₃ A ₄ [...]	Implicaturas conversacionais	Sem tipo particular de construção; composicional
II- Desencadeamento da construcionalização gramatical	<hr/> Contexto crítico C ₁ C ₂ C ₃ C ₄ [...]	Opacidade múltipla	Expressões idiomáticas extragramaticais
III- Reorganização e diferenciação	<hr/> Contexto isolado I ₁ I ₂ I ₃₄ I ₃ [...]	Itens heterossêmicos	Expressões idiomáticas formal ou lexicalmente abertas
IV- Integração paradigmática	Contexto paradigmático	Oposições/distinções paradigmáticas com significados relacionais reduzidos, isto é, significados gramaticais	Escolhas paradigmáticas a partir de um esquema construcional abstrato

Fonte: Adaptado de Diewald e Smirnova (2012, p.126) e Rosa (2019, p. 64).

Legenda: X_{1,2,3,4,...} = nanopassos em contexto atípico (X=A), crítico (X=C) e isolado (X=I).

Como ilustrado no Quadro 3, Rosa (2019) correlaciona os estágios contextuais de Diewald e Smirnova (2012) às etapas de mudança pré-construcionais, em consonância à proposta de Traugott (2022). A atenção aos contextos de uso linguístico leva Rosa (2019) à fixação de níveis escalares de sutis mudanças no âmbito de cada estágio contextual. Assim, na consideração de que cada estágio constitui um micropasso na trajetória da língua, a autora postula os nanopassos como subestágios, somente captados por intermédio do foco nas propriedades de cada contexto de uso. De acordo com a autora (2023, p. 151), nanopassos constituem “mudanças pormenorizadas referentes à forma ou ao conteúdo de arranjos linguísticos ou microconstruções enquadrados em subfases mais ou menos avançadas em um mesmo contexto mais amplo”.

Estudo de caso: a construção de correlação locativa

Nesta seção, apresentamos algumas hipóteses e conclusões iniciais sobre instanciações específicas da construção de correlação locativa (CCL), que se caracteriza por meio do esquema $[X_1(\text{Prep/Conj})\text{Loc}_1, X_2(\text{Prep/Conj})\text{Loc}_2]$. A CCL é composta por segmentos correlatos, e cada um desses segmentos é formado por núcleos nominais ou verbais (X_1, X_2) associados a subpartes adverbiais locativas ($\text{Loc}_1, \text{Loc}_2$), podendo haver inserção facultativa de preposição (Prep) ou conjunção (Conj). Na CCL, X_1 pode ser igual a X_2 (pega daqui, pega de lá), X_1 pode ser diferente de X_2 , mas contextualmente relacionado a ele (buraco daqui, lama dali) e X_2 pode ser igual a zero, ocorrendo zeugma (estamos ora aqui, ora ali). Os slots Loc_1 e Loc_2 são obrigatoriamente preenchidos por advérbios/pronomes locativos diferentes, enquanto um instancia locativo referente à perspectiva da 1ª pessoa do discurso (aqui/cá), o outro instancia locativo referente à localização da 2ª pessoa do discurso (aí) ou a lugar distante de ambas as pessoas do discurso (ali/lá/acolá). Há ainda um fenômeno, menos comum (e por essa razão não figura na generalização esquemática), que é a anteposição de interjeição a cada um dos segmentos correlatos.

Foram mapeados quatro tipos de conteúdo funcional da construção de correlação locativa, denominados 4M (quatro emes): 1º M) movimento contínuo de seres ou de partes deles; 2º M) multiplicidade quantitativa e/ou tipológica de elementos de um grupo; 3º M) modo ou qualidade com que se realiza uma ação e 4º M) mutualidade/reciprocidade de ações e/ou intenções entre as entidades envolvidas. Estes, em destaque, são alguns exemplos de microconstruções de correlação locativa encontradas em canções da música popular brasileira: “Lá vem o pato, pata aqui, pata acolá”, “São dois pra lá, dois pra cá”, “Ai bota aqui, ai bota ali o seu pezinho”⁹. Outra microconstrução que merece destaque na investigação da CCL, conforme descrito em Rosa (2021), é *toma lá dá cá*, que apresenta conteúdo mais concreto em contextos com referência espacial no mundo biossocial, como em “O jogo foi um *toma lá dá cá* de emoção”, e conteúdo mais abstrato em contextos discursivos, como observamos neste dado sobre discussões em redes sociais “o que eu vi nas últimas semanas foi um *toma-lá-dá-cá*¹⁰ sem limites”.¹¹

No que se refere às escolhas metodológicas para cumprir o objetivo deste artigo de discutir e destacar a centralidade dos contextos de uso linguístico na perspectiva funcional-construcional, elegemos instanciações da CCL formadas pelos advérbios

⁹ Respectivamente, O Pato (de Paulo Soledade, Toquinho, Vinícius de Moraes); Dois pra lá, dois pra cá (de Aldir Blanc Mendes e Joao Bosco de Freitas Mucci); Pezinho (de Barbosa Lessa e Paixão Cortês).

¹⁰ Encontramos variação na grafia da microconstrução *toma lá dá cá*: com hífen, com vírgula entre os segmentos correlatos e sem vírgula, esta última é a forma apresentada no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

¹¹ Ambos os exemplos sobre o uso de *toma lá dá cá* foram extraídos de Rosa (2021).

locativos aqui e ali. Considerando que a pesquisa a respeito das construções de correlação locativa encontra-se no primeiro estágio, de coleta de dados sincrônicos, foram reunidos textos a partir do ano 2000 até o ano vigente por meio da ferramenta de pesquisa avançada Google, que estão, até o momento, sob análise exclusivamente qualitativa. Após a ampliação dos dados e os descartes daqueles que não se enquadrarem em nossa proposta de estudo, dar-se-á início ao exame quantitativo mais acurado.

Embora a pesquisa mais ampla sobre a CCL tenha uma agenda investigativa pancrônica, o recorte de análise sincrônica aqui apresentado apoia-se no conceito de construcionalidade proposto por Rosário e Lopes (2019; 2023). Os autores, fundamentados nos postulados de pesquisadores como Lehmann (2015), Hopper (1991) e Himmelmann (2004), consideram que os níveis de gramaticalidade sincrônica de uma dada construção linguística refletem aspectos da sua origem e trajetória histórica. Sendo assim, redefinem o conceito de construcionalidade a partir de sua proposta inicial publicada em 2019 e o estabelecem como a “relação sincrônica entre duas ou mais construções, de modo que uma construção pode ser apontada como base para outra(s), a partir de seus diferentes níveis de gradiência e gramaticalidade”. (Rosário; Lopes, 2023, p. 86).

Nesse entendimento, apresentamos uma análise de dados cujas microconstruções avaliadas preenchem o subesquema parcialmente esquemático [X_1 (Prep/Conj) **aqui**, X_2 (Prep/Conj) **ali**], em que verificamos diferentes níveis de gradiência que nos servem como evidências para etapas futuras de pesquisa.

5. A) Compras e varejo. **Compre AQUI e Retire ALI**. (Disponível em: <https://www.instagram.com/retireali/>. Acesso em: 24 mar. 2024).
- B) O Retire Ali é um projeto onde o consumidor final poderá fazer sua compra pelo site www.peixotomais.com.br, ou em outro e-commerce conveniado ao Retire Ali, e o cliente escolherá um ponto de retirada para pegar o seu pedido, na cidade em que mora. (Disponível em: <https://www.retireali.com.br/>. Acesso em: 24 mar. 2024).

Para a devida compreensão do exemplo (5A), em que consta o arranjo *compre aqui e retire ali*, é necessário o conhecimento do contexto apresentado em (5B). A primeira parte do arranjo, *compre aqui*, refere-se à indução de internautas a realizarem compras por meio do referido site, e a segunda parte, *retire ali*, sugere, por meio do advérbio/pronome locativo, a facilidade de retirar o produto em local próximo à sua residência, como se dissessem “é logo ali”. Em (5A), observamos, portanto, um arranjo de orações conectadas pela conjunção e, cujos pronomes locativos atuam em referências espaciais, ainda que a primeira se refira ao âmbito virtual: *compre aqui* (neste site) e *retire ali* (perto da sua casa). Sendo assim, considerando os apontamentos

mais concretos do arranjo em foco, entendemos que o dado retrata o que, em viés diacrônico, chamaríamos de os primeiros graus do contexto fonte que daria origem à construção de correlação locativa.

6. **Compre aqui retire ali.** Bom dia, a simples tarefa de tomar café foi um péssima experiência para minha esposa e eu no Mac do shop Gravataí, compramos 2 cafés um pão de queijo e um lanche no Mac da praça de alimentação na máquina online, pra nossa surpresa quando chamaram pra entregar o pedido, estava apenas o lanche, perguntei do café e me informaram que era pra retirar em outro quiosque em outra parte do shopping, imagine vc fazer um pedido em um lugar e ter que retirar em 2. A falta de informação e também de consideração com o cliente foi absurda, o sistema deveria avisar está particularidade, ou os atendimentos quando recebessem o pedido. Péssima experiência. (Disponível em: https://www.reclameaqui.com.br/mcdonalds/compre-aqui- retire-ali_0xKyXsqrhDGfjbsC/. Acesso em: 24 mar. 2024).

Se no exemplo (5A) verificamos um uso persuasivo de *compre aqui e retire ali* para incentivar as compras pelo referido site, em (6), observamos a aplicação da ironia para intitular uma crítica à dinâmica de venda dos lanches do McDonald's. O pronome locativo *ali*, que antes fora empregado para se referir a lugar próximo do interlocutor, agora é usado para enfatizar a diferente localização do local de compra e de retirada de parte do lanche. A estrutura do arranjo em (6) se assemelha àquela exposta em (5A), no entanto, há ausência da conjunção e e também de vírgula entre as partes coordenadas, o que aponta para uma maior integração entre os segmentos correlatos. Nesse dado, encontramos indícios de mais um (nano)passo entre os últimos graus do contexto fonte, tendo em vista que, embora ainda haja conteúdo semântico espacial, a estrutura mostra-se mais integrada por conta do propósito pragmático-discursivo da crítica e da ironia.

7. Nos velhos bons tempos, nosso professor de português nos ensinou como diferenciar um adjetivo de um advérbio. Registre-se que ambos têm função qualificadora. Daí aflora a confusão, uma vez que, **ora aqui ora ali**, usamos um adjetivo para fazer o papel do advérbio. Isso baralha nossos pensamentos. (Disponível em: <https://www.tjmt.jus.br/Noticias/45361>. Acesso em: 24 mar. 2024).

No exemplo anterior, (6), o arranjo de segmentos correlatos *compre aqui retire ali* enquadra-se na estrutura da CCL apresentada no início desta seção [X_1 (Prep/Conj)Loc₁, X_2 (Prep/Conj)Loc₂]. Porém, no exemplo (7), observamos a posposição

de X_1 (usamos) ao arranjo de segmentos correlatos, sendo $X_2 = \text{zero}$. Entendemos que tal fenômeno, unido à inserção da conjunção *ora, ora*, decorre do propósito expressivo do redator de imprimir uma semântica temporal, destacando que o uso de adjetivos no papel de advérbios é uma prática recorrente. Para a manifestação dessa recorrência, o usuário da língua vale-se da estrutura da correlação locativa, que imprime a noção de repetição ou multiplicidade de atividades. É importante destacar que, no dado (7), verificamos a abstratização da semântica espacial, que passa a apontar para a ideia de tempo (*espaço > tempo*), corroborando, assim, a proposta do chamado ciclo funcional, que atesta a emergência da gramática. Essa ocorrência nos fornece pistas de um contexto atípico, nos termos de Diewald (2002; 2006) e Diewald e Smirnova (2012).

8. A Sra. Marisa serrano (PSDB – MS) – Obrigada, Senador Flexa. Já terminando a minha fala, queria dizer que todas as palavras dos Senadores que me apartearam indicam que é necessário que se faça alguma coisa. O que me estarrece quando eu vejo que as coisas andam de mal a pior é o caso que foi levantado aqui dos cartões corporativos. Qual é a atitude do Governo? Teria que ser a atitude que o Governador Serra teve ontem em São Paulo: cancelar os cartões. Hoje me telefonaram e disseram: “Mas continua? O cartão continua do mesmo jeito?” Do mesmo jeito, dizendo: “Olha, não gaste tanto, **segura aqui, olhe ali.**” Mas não é assim, tinha que se cancelar os cartões e, a partir do cancelamento, organizar algo que não pode continuar da forma que está. A sociedade está fazendo chacota e brincadeira a respeito disso. Onde chegamos perguntam: “Cadê meu cartão? Eu também quero o meu.” Essas brincadeiras indicam que a sociedade está passando do limite e da consciência que ela tem do que é real e do que é digno na sociedade. E isso é muito ruim para todos nós, para todas as instituições como a nossa acompanhar o que está acontecendo neste País. (Diário do Senado Federal, 15 fev. 2008).

O exemplo (8) refere-se a um contexto político, em que se faz uma crítica ao uso abusivo dos cartões corporativos do governo. Reportando a fala de um interlocutor à plenária, a Senadora Marisa Serrano apresenta um fato reprovável: a falta de rigor punitivo diante da corrupção no uso dos cartões. Nesse sentido, expõe que a única atitude do governo era aconselhar os parlamentares a utilizarem os cartões com parcimônia: “Olha, não gaste tanto, **segura aqui, olhe ali.**”. A análise do dado (8) sugere que o emprego do arranjo de correlação locativa remete ao contexto crítico, considerando a possibilidade de termos uma interpretação fragmentada dos conselhos “não gaste tanto; segura aqui; olhe ali” e também fazermos uma leitura

mais integrada de segura aqui, olhe ali como um conselho único de cautela, que, ao mesmo tempo, exprime, por meio da estrutura de correlação locativa, a ideia de alternativas para praticar o zelo na atividade mencionada. Na ótica de que o arranjo em análise já representa uma CCL, é possível verificar as noções de multiplicidade (alternativas de ações) e modo de exercício da ação (cautela). Assim, mais uma vez, podemos constatar a proposta de derivação semântica de Heine, Claudi e Hünneymeier (1991): espaço > tempo > qualidade.

9. A) [...] **concorda aqui, discorda ali**, mas tem que ter. É, querer. Essas normas. Sem normas seria uma e o perverso ele fura tudo. Fura tudo, fura. Né? Fura tudo, fura ...
B) [...] **concorda aqui, discorda ali**, cê percebe que ali tem um, um, a vulnerabilidade do clube aqui ali. E aí, cara, é tentar buscar, também, voltando aonde vai ... (Disponível em: https://www.google.com/search?q=%22concorda+aqui+discorda+ali%22&rlz=1C1CHBD_ptPTBR905BR905&oq=%22concorda+aqui+discorda+ali%22&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqBggAEEUYO-zIGCAAQRRg7MgYIARBFGEAyBggCECMYJzIGCAMQRRg8MgYIB-BBFGDzSAQoxNjk0N2owajE1qAIIIsAIB&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em: 24 mar. 2024).
10. A vida é assim: cada um pensa de uma forma, a gente **concorda ali, discorda ali**¹² e continuamos seguindo, em teoria, juntos. Acho que essa filosofia de vida era mais fácil de ser colocada em prática antes das redes sociais. (Disponível em: <https://dicademaec.com/ta-tudo-bugado-mamae/>. Acesso em: 24 mar. 2024).

Os exemplos (9A) e (9B), embora apresentem porções de texto cortadas, o que dificulta o exercício de uma análise contextual mais minuciosa, nos servem para atestar o uso da construção *concorda aqui, discorda ali* no português brasileiro e, conseqüentemente, reforçar a hipótese de que, na CCL, os slots Loc_1 e Loc_2 **são obrigatoriamente preenchidos** por locativos diferentes. Sendo assim, concluímos que o construto expresso no exemplo (10) é resultado de um equívoco no ato da grafia do texto, pois, se não fosse assim, haveria incoerência semântica ao afirmar que duas pessoas concordam e ao mesmo tempo discordam de um mesmo ponto de discussão, representado pelo locativo *ali*, em uso abstratizado. Entendemos que, em (10), se pretende dizer que as pessoas, numa discussão lógica, têm opiniões concordantes sobre alguns temas e opiniões divergentes a respeito de outros. Nosso entendimento é que a ideia de multiplicidade de pontos de discussão pode ser manifestada, justamente, pela instanciação de diferentes locativos em cada segmento correlato da

¹² No intuito de confirmar nossa hipótese, fizemos contato com a autora do texto para tentar esclarecer o suposto equívoco, mas ainda não obtivemos resposta.

CCL: $[X_1(\text{Prep/Conj})\text{Loc}_1, X_2(\text{Prep/Conj})\text{Loc}_2] \leftrightarrow \text{Loc}_1 \neq \text{Loc}_2$. Considerando a integração e a complementaridade sintático-semântica do arranjo, avaliamos que os exemplos (9A), (9B) e (10) correspondem ao contexto isolado, tal como o definem Diewald (2002; 2006) e Diewald e Smirnova (2012).

A partir das análises aqui apresentadas, concluímos que a necessidade do falante de expressar 1) multiplicidade quantitativa e/ou tipológica de elementos de um grupo e 2) modo ou qualidade com que se realiza uma ação o conduz a lançar mão de estratégias criativas como o uso de segmentos correlatos com locativos, pois essa informação dupla propicia a ideia de repetição, em diferentes vieses. Sendo assim, entendemos que a dimensão funcional, isto é, a necessidade de manifestar determinados significados comunicativos, é motivadora do eixo formal da construção de correlação locativa.

Considerações finais

Ao longo do presente artigo, destacamos, com base em fundamentos teóricos e em pesquisa empírica, que o uso linguístico teve e continua a ter papel central na investigação funcionalista, ratificando Rosário e Oliveira (2021). Constatamos que a primazia dos contextos interativos, aí envolvidos os propósitos comunicativos dos interlocutores e as pressões pragmático-discursivas em jogo, entre outros, são fundamentais para a deflagração de ambiguidades, tanto ao nível da função quanto ao da forma, que podem derivar em mudança linguística.

Tal mudança, pesquisada em termos de gramaticalização, na versão clássica funcionalista, e em termos de construcionalização, no âmbito da LFCU, tem seu ponto de partida na ritualização de modos de dizer convencionalizados na língua via micro e nanopassos contextuais, tomados como sequências atípicas e críticas, conforme Rosa (2019), a partir de Diewald e Smirnova (2012). Trata-se de trajetória que pode ser pesquisada em viés histórico, como preconizam Traugott e Trousdale (2013), em termos de gradualidade, e em viés sincrônico, como defendem Rosário e Lopes (2019; 2023), na perspectiva da construcionalidade, motivadora da gradiência linguística, como assumido por Bybee (2010).

Para dar conta de nosso propósito, trazemos um estudo de caso, a partir da construcionalização do esquema de correlação locativa (CCL), codificado como $[X_1(\text{Prep/Conj})\text{Loc}_1, X_2(\text{Prep/Conj})\text{Loc}_2]$. Destacamos a relevância dos contextos de instanciação desse esquema no português contemporâneo e os distintos níveis de vinculação semântico-sintática das subpartes que integram tal esquema.

Demonstramos, assim, que, na LFCU, ainda que assumamos a construção como unidade básica da língua, numa perspectiva que destaca o componente formal no pareamento função \times forma, o foco investigativo continua tomando os contextos de

uso como ponto inicial e mesmo fundamental de pesquisa, pois o que é analisado é a instância real da construção nesses contextos de uso, isto é, o construto. Nesse sentido, formulações construcionistas, na proposta de esquemas e subesquemas linguísticos, por exemplo, devem ter como origem os rituais interativos, os modos de dizer e sua configuração contingencial. Afinal, somente a partir do que fazemos nos textos que produzimos, do que efetivamente falamos ou escrevemos como materialidade, é que podemos intuir modelos esquemáticos que servem de base ao que declaramos.

Referências

- ARENA, A. B. *Construcionalização do conector “daí que” em perspectiva funcional centrada no uso*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- BOLINGER, D. *Aspects of language*. New York: Harcourt Brace Janovich, 1975.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DIEWALD, G. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I; DIEWALD, G. (eds). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 103-120.
- DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions* SV1-9/2006. Disponível em: www.constructions-online.de:0009-4-6860. Acesso em: 15 maio 2021.
- DIEWALD, G; SMIRNOVA, E. “Paradigmatic integration”: The fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, K. *et al.* (ed.). *Grammaticalization and language change – new reflections*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012. p.111-131.
- FERREIRA, L. M. A. *A estabilidade semântico-sintática do modal “poder”*. Tese (Doutorado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Procedimentos discursivos na fala de Natal: uma abordagem funcional*. Natal: EDUFRN, 2000.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2013. p. 13-39.

- FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2015. p. 21-48.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; VOTRE, S. J. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. *D.E.L.T.A.*, v. 15, n. 1, p. 85-111, 1999.
- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- GOLDBERG, A. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. *Explain me this: Creativity, competition and the partial productivity of constructions*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2019.
- GÖRSKI, E. *Condições de entrada e de continuidade do referente em narrativas orais*. Dissertação (Mestrado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I; DIEWALD, G. (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 83-101.
- HEINE, B; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: A conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HILPERT, M. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- HIMMELMANN, N. Lexicalization and grammaticalization: Opposite or orthogonal? In: BISANG, W. et al. (ed.). *What makes grammaticalization?* Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p.21-42.
- HOPPER, P. Emergent grammar. *Berkeley Linguistics Society*, v. 13, p. 139-157, 1987.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 17-36.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization*. 3. edition. Erfurt: Universität Erfurt, 2015.
- MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996a.

- MARTELOTTA, M. E.; RODRIGUES, L. Gramaticalização de “então”. *In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (orgs). Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996b, p. 221-236.*
- NARO, A. J.; VOTRE, S. J. Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma. *D.E.L.T.A.*, v. 8, n. 2, p. 285-290, 1992.
- OLIVEIRA, L. A. B. A trajetória de gramaticalização do “onde”: uma abordagem funcionalista. Dissertação (Mestrado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, CCHLA, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1997.
- OLIVEIRA, M. R. Gramaticalização e construcionalização na pesquisa funcionalista. *In: OLIVEIRA, M. R.; LOPES, M. G. (orgs.). Funcionalismo linguístico: interfaces. Campinas: Pontes Editores, 2023. p. 51-80.*
- OLIVEIRA, M. R.; SAMBRANA, V. R. M. A complementaridade da gramaticalização e da construcionalização para a pesquisa da formação de marcadores discursivos em português. *Matraga*, v. 29, n. 56, p. 318-333, 2022.
- ROSA, F. S. L. *A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional.* Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- ROSA, F. S. L. A metáfora conceptual como fator relevante para mudanças construcionais: um olhar sobre as microconstruções alto lá e toma lá dá cá. *Revista Solettras*, v. 41, p. 161-188, 2021.
- ROSA, F. S. L. A construção marcadora discursiva refreador-argumentativa. *In: OLIVEIRA, M. R. (org.). Articulação do espaço no português: uma abordagem cognitivista, funcionalista e construcional. Campinas: Pontes Editores, 2023. p. 145-178.*
- ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016.
- ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Linguística funcional: quo vadis? *In: BISPO, E. B.; SILVA, J. R.; SOUSA, M. M. (orgs.). Pesquisas funcionalistas: da versão clássica à perspectiva centrada no uso – uma homenagem à Maria Angélica Furtado da Cunha. Natal: EDUFRN, 2021. p. 384-329.*
- ROSÁRIO, I. C.; LOPES, M. G. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. *Revista Solettras*, n. 37, p. 83-102, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.ufrj.br/index.php/solettras/article/view/36318>. Acesso em: 15 maio 2021.
- ROSÁRIO, I. C.; LOPES, M. G. Construcionalidade e mudança na sincronia. *In: ROSÁRIO, I. C. (org.). Metodologia da pesquisa funcionalista. Porto Velho: Edufro, 2023. p. 77-102.*
- SAMBRANA, V. R. M. *Construcionalização de marcadores discursivos formados por olhar e ver no português.* Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

- SANKOFF, G.; BROWN, P. The origins of syntax in discourse: A case study of Tok Pisin relatives. *Language*, n. 52(3), p. 631-666, 1976.
- SILVA, M. A. *O processo de gramaticalização do verbo "ir"*. Dissertação (Mestrado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, CCHLA, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.
- TEIXEIRA, A. C. M. *A construção verbal marcadora discursiva VLoc_{MD}: uma análise funcional centrada no uso*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- TRAUGOTT, E. C. The status of onset contexts in analysis of micro-changes. In: KYTÖ, M. (ed.). *English Corpus Linguistics: Crossing Paths*. Amsterdam: Rodopi, 2012. p. 221-255.
- TRAUGOTT, E. C. *Ten lectures on a Diachronic Constructionalist Approach to Discourse Structuring Markers*. Leiden: Brill, 2022.
- TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- VOTRE, S. J.; ROCHA, A. R. A base corporal da metáfora. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. p. 127-143.